

AS ENTREVISTAS PRELIMINARES E O DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL EM PSICANÁLISE

Francisco Frazão

Sigmund Freud (1913/1996), em seus artigos sobre a técnica psicanalítica, não cessou de acentuar a importância daquilo que chamava de *tratamento de ensaio* para o início ou não do tratamento analítico. Tal experimento dizia respeito ao seu hábito de fazer uma ou duas semanas de atendimento de sondagem antes de resolver tomar alguém em análise. Em seu artigo *Sobre o início do tratamento* (1913), por exemplo, ele aponta duas razões significativas para esse seu procedimento: por permitir ao analista conhecer o caso e avaliar se seria apropriado ou não tomá-lo em análise e por possibilitar o estabelecimento do diagnóstico diferencial, sobretudo entre neurose e psicose, algo nem sempre fácil de ser feito e tão essencial para a direção do tratamento.

Freud (1913/1996), ao recomendar e justificar a prática desse tratamento de ensaio pelos praticantes da psicanálise, parece também adverti-los da responsabilidade pelo seu ato de impedir ou não que alguém se beneficie do tratamento psicanalítico.

Estou ciente de que existem psiquiatras que hesitam com menos frequência em seu diagnóstico diferencial, mas convenci-me de que com a mesma frequência, cometem equívocos. Cometer um equívoco, além disso, é de muito mais gravidade para o psicanalista que para o psiquiatra clínico, como este é chamado, pois o último não está tentando fazer algo que seja de utilidade, seja qual for o tipo de caso. Ele simplesmente corre o risco de cometer um equívoco teórico e seu diagnóstico não tem mais que um interesse acadêmico. No que concerne ao psicanalista, contudo, se o caso é desfavorável, ele cometeu um erro prático; foi responsável por despesas desnecessárias e desacreditou o seu método de tratamento (p. 166).

Além disso, do estabelecimento do diagnóstico e da sua meta transferencial, ou seja, de ligar o analisante ao seu tratamento e à pessoa do psicanalista, Freud tinha a convicção de que, em se tratando do campo psicanalítico, não haveria mesmo nenhum outro tipo de exame preliminar a não ser este.

Jacques Lacan (1958/1998), em seu retorno a Freud, não deixou que a recomendação freudiana perdesse sua força e seu vigor. Assim, resgata o valor do experimento preliminar, de Freud, e denomina-o de entrevistas preliminares.

Ele usa essa expressão para indicar a necessidade de um tempo de trabalho prévio à análise propriamente dita. Trata-se de um tempo capaz não só de viabilizar o estabelecimento de um diagnóstico diferencial, mas também a viabilização do tratamento. Lacan diz categoricamente, em seu seminário *O saber do psicanalista* (1971), “Não há entrada em análise sem as entrevistas preliminares” (s/p). Tanto para este autor como para Freud, essas entrevistas preliminares são também a própria análise ainda que se possa diferenciar esse tempo que compreende a formulação do diagnóstico estrutural até o momento de entrada em análise. Dito de outro modo, a regra da associação livre é o que identifica as entrevistas preliminares com a entrada em análise e o tempo do diagnóstico é o que diferencia então esses dois momentos.

Freud (1913/1996), em seu texto *Sobre o início do tratamento*, diz ter por hábito praticar tratamento psicanalítico de uma ou duas semanas antes do começo da análise propriamente dita. Neste momento, o pai da psicanálise institui o movimento inicial do dispositivo analítico intitulando-o de tratamento de ensaio e compara a análise com o jogo de xadrez, mostrando que em ambos os casos as aberturas e os finais são passíveis de apresentação sistemática exaustiva. Recomenda-nos então a sistematização tanto do início quanto do fim da análise.

Ainda neste texto, o autor coloca que a primeira meta de uma análise é ligar o paciente ao seu tratamento e ao seu analista, sendo mais enfático em pelo menos uma função desse tratamento de ensaio: a do estabelecimento do diagnóstico e do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, pois, segundo ele, “ [...] há razões diagnósticas para fazer este tratamento de ensaio [...]” (p. 139).

Para Freud (1913) este tratamento de ensaio “é ele próprio o início de uma psicanálise e deve conformar-se com suas regras [...]” (p. 65). Nesta fase estimula-se o paciente a falar bastante sobre tudo e o analista deve ficar mais calado para que o paciente prossiga com sua fala trazendo o seu sofrimento e suas questões relacionadas a ele.

A expressão *Entrevistas Preliminares* corresponde, em Lacan, ao tratamento de ensaio em Freud. Essas expressões indicam que existe um limiar, uma porta de entrada na análise bastante diferente da porta de entrada do consultório do analista. Trata-se de um tempo de trabalho prévio à análise propriamente dita, cuja entrada é concebida não como continuidade, e sim como uma descontinuidade, um corte em relação ao que era anterior e preliminar. Este corte corresponde a atravessar o umbral das preliminares para entrar no discurso analítico. Esse preâmbulo a toda psicanálise é erigida por Lacan (1971) em posição de condição absoluta: “Cada um de vocês conhece – muitos o ignoram – a insistência que faço junto aos que me pedem conselho, sobre as entrevistas preliminares em psicanálise. Certamente elas têm uma função essencial para a análise. Não há entrada possível em análise sem entrevistas preliminares” (p. 27), assevera ele.

Nesse sentido, pode-se dizer que sem entrevistas preliminares bem sucedidas não há análise e, conseqüentemente, fim de análise. Há, sem dúvida aí, uma relação condicionante. Dito de outro modo, o que está em jogo nas entrevistas preliminares é fazer trabalhar a transferência. E o que é, afinal, uma psicanálise senão o próprio trabalho da transferência?

Tratamento de Ensaio, para Freud. Entrevistas preliminares, para Lacan. Diferentes modos de se referir ao tratamento inicial ou dispositivo de porta de entrada para a análise e que compreende três funções lógicas: sintomal, diagnóstica e transferencial (QUINET, 1991, p.19).

Na função sintomal, deve-se promover uma passagem da queixa denunciada pelo sujeito para um sintoma analítico. Como diz Quinet (1991). “É preciso que essa queixa se

transforme numa demanda endereçada àquele analista e que o sintoma passe do estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que este seja instigado a decifrá-lo” (p. 20-21). Cabe ao analista, portanto, introduzir o desejo nessa dimensão sintomal.

A função diagnóstica das entrevistas preliminares vai instituir-se como uma bússola de orientação para a direção da análise, isto é, ela só terá sentido ou validade se servir de respaldo para a condução da análise. A transferência é a base da estratégia do analista na direção do tratamento e é somente a partir dessa base que o diagnóstico pode ser investigado. Quinet (1991) resume brilhantemente essa função ao afirmar que:

Nas entrevistas preliminares é importante, no que diz respeito à direção da análise, ultrapassar o plano das estruturas clínicas (psicose, neurose e perversão), para se chegar ao plano dos tipos clínicos (histeria – obsessão), ainda que não sem hesitação, para que o analista possa estabelecer a estratégia da direção da análise, sem a qual ela fica des governada (p. 27).

A análise pode desencadear a psicose em alguns casos. É preciso, então, que o analista saiba reconhecer um pré-psicótico, ou seja, aquele sujeito que por ter estrutura psicótica, pode, ao se deparar com o dispositivo analítico que engendra o encontro do sujeito com a falta estrutural, desencadear um quadro psicótico. A função diagnóstica das entrevistas deve evitar, nestes casos, que o analista conduza a análise do mesmo modo que faria com um neurótico. Pois, como adverte Lacan (1955-56/1988) no *Seminário 3 – as psicoses*: “acontece recebermos pré-psicóticos em análise e sabemos no que isso dá - isso dá em psicóticos” (p. 285). Mas, como reconhecer um pré-psicótico?

Muitos clínicos se debruçaram sobre os antecedentes da psicose, não para encontrar um infantil da psicose, como se costuma referir em relação à neurose. A psicanalista Helen Deutsch (1942), por exemplo, criou uma categoria denominada *como se*, para definir casos em que “a relação emocional do indivíduo com o mundo exterior e com o seu próprio eu está empobrecido ou ausente” (p. 153).

A autora chama a atenção para o aspecto imitativo ao meio, resultante de uma facilidade plástica e da adaptação ao ambiente. Mesmo que “estes indivíduos, aparentemente

normais e com excelente capacidade intelectual, cheguem a desenvolver um certo nível nos seus trabalhos individuais, é possível perceber nitidamente em suas produções um caráter imitativo” (DEUTSCH, 1942, p. 153).

Lacan (1955-56/1988), referindo-se aos chamados “*como se*”, vai dizer no Seminário 3 ,as psicoses, que:

Eles não entram jamais no jogo dos significantes, a não ser por uma espécie de imitação exterior. A não integração do sujeito no registro do significante nos dá a direção na qual se põe quanto ao prévio da psicose - que só é solúvel seguramente para investigação analítica (p. 285).

Retomando a ultima das funções das entrevistas preliminares, a função transferencial é o próprio estabelecimento da transferência, condição para que uma análise se dê.

Lacan (1967/2003), na Proposição de 09 de outubro de 1967, diz que “No começo da psicanálise é a transferência e o seu pivô é o sujeito suposto saber” (p. 252). O surgimento do sujeito sob transferência é o que dá o sinal de entrada em análise, e esse sujeito é vinculado ao saber. É necessário que o analista sustente esta posição de sujeito suposto saber para transformar a transferência demandante em transferência produtora. Não se pode esquecer , contudo, que o analista vai tomar este lugar de saber emprestado, não devendo nunca se identificar com essa posição, o que seria um erro (QUINET, 1991)

Após a rápida exposição sobre as três funções das entrevistas preliminares é válido lembrar que Maud Mannoni (1980) também não se furtou de pensar a importância dessa recomendação freudiana. Ela assim a define: a primeira entrevista com o psicanalista é antes de tudo um encontro com nosso próprio eu, que procura sair da falsidade. O analista está presente para devolver ao sujeito, como dádiva, a sua verdade.

Considerando a importância das entrevistas preliminares a partir de Freud e Lacan, faz-se necessário problematizar os efeitos de um desconhecimento frente à relevância clínica dessa recomendação freudiana, bem como das implicações que dela decorrem.

Não é incomum assistirmos hoje por parte de alguns psicanalistas uma posição de desprezo ou tentativa de abreviação das entrevistas preliminares. Com tal desconhecimento como indagar-se sobre o que realmente se passa ou se faz durante esse tempo? Quanto tempo deverá durar esse momento? Qual a direção do tratamento? Quais os marcos, do lado do analista e do analisante, na passagem das entrevistas preliminares para a análise propriamente dita?

BIBLIOGRAFIA

DEUTSCH, Helene. **Les' Commes si' ET autres textes** (1993-1970). Paris: Editions Du Seuil, 2007.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura In: **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2000.

FREUD, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Neurose e Psicose (1924) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O método psicanalítico de Freud (1904) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. Cinco Lições de psicanálise (1910) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Sobre o início do tratamento (1913) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A questão da análise leiga (1926) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 20 Vol. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Uma breve descrição da psicanálise [1924 (1923)] In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O Seminário, Livro 3, e As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola (1967). In: **Novos Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O saber do Psicanalista**. Seminário inédito, 1974.

QUINET, A. **As 4+1 Condições da Análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

_____. **Psicose e Laço Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

SOBRE O AUTOR

Francisco de Assis Frazão – Médico, psiquiatra, psicanalista, mestrando em psicanálise UERJ, membro do Corpo freudiano Escola de Psicanálise Seção São Luís.